

# CORREIO DO VOLTA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES  
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

## O povo de Lisboa e o governo

Para que o Governo Provisorio da Republica Portuguesa possa fazer uma obra util, é preciso que á bôa-vontade, ao saber e á honestidade dos ministros se junte o auxilio intelligente, honesto e generoso de todos os portuguezes. E' indispensavel que ninguem perturbe a sua actividade, o que, de modo nenhum, significa que alguém abdique do direito de discutir e criticar, com justiça, os seus actos.

Perturbam, neste momento, a actividade do Governo Provisorio as grêves que, com tanta insistencia, se vêem succedendo. E perturbam-na sériamente, tanto mais que pôdem dar ao estrangeiro a impressão de que o paiz não está satisfeito com a mudança de regimen: de que não a acceitou, com alegria, como a principio pareceu, mas que lh'a impuzeram violentamente.

E é interessante que declararam as grêves exactamente aquelles que esperavam a republica com anciedade e auxiliaram com denodo a sua implantação.

Qual será a explicação d'este facto?

Devem ser complexas as razões que o determinam, mas entre ellas não deixará de avultar a falta de educação civica do povo portuguez que não comprehende ainda o regimen politico em que vive. Interpretou á letra as palavras magicas dos oradores fogosos nos agitados tempos de propaganda, e suppoz que, proclamada a Republica, as condições da sua vida, moral e material, mudariam logo. Republica, segundo as palavras que lhe ficaram a cantar nos ouvidos, era synonymo de felicidade. Proclamada aquella, ha mais d'um mez, e esta sem chegar, começaram as reclamações e os protestos. Com ordem e serenamente? Não. Tumultuariamente, com desespero.

Foram, afinal, os republicanos que, em parte, prepararam esta situação difficil. Em primeiro lugar, prometendo ao povo mais do que é possível dar-lhe; em segundo, reconhecendo-lhe o direito á grêve, sem restricções.

De modo nenhum nos insurgimos contra este reconhecimento. Achamo-lo justo e democratico. Mas pareceu-nos inoportuno, pelo menos, não o regulamentando desde logo. Como nós, pensamos alguns dos mais insignes republicanos. Agora, nos lembra um artigo que o actual ministro do Fomento escreveu no seu jornal, pouco depois de declarado aquelle direito, em que expunha ideias e doutrinas que serviriam de base ao regulamento que acaba de publicar.

O Governo Provisorio, decretando, mal assumiu o poder, o direito á grêve, d'uma maneira absoluta, ou se convenceu de que o povo portuguez era capaz de fazer bom uso da liberdade, ou quiz transigir com imposições. No primeiro caso, enganou-se; no segundo commetteu um gravissimo erro, porque imposições ha-de, agora, receber-las, todos os dias, dos que arriscaram a vida pela implantação da Republica.

Não pôde o Governo fazer, em tudo, a vontade ao povo que não comprehende ainda o sentido da palavra liberdade que tantas vezes ouviu proferir, mas que tão poucas ouviu explicar. Reconheceu-o já o ministro do Fomento, e é necessario que todos o reconheçam.

Talvez para attender exigencias do povo de Lisboa é que se publicou, precipitadamente, a lei do inquilinato, com caracter regional, não podendo applicar-se no resto do paiz, sob pena de levantar grandes difficuldades e graves perturbações.

Lembrava, ha tempos, João de Menezes, na *Lucta*, que é preciso que todos façam sacrificios: mais do que ninguem, devem fazel-os exactamente aquelles que, de qualquer maneira, auxiliaram a Revolução. A sua obra está incompleta: foi muito deitar abaixo um throno, mas não será menos erguer o paiz da decadencia profunda em que se encontra. Para isso é indispensavel não crear embaraços ao Governo, e um dos maiores que lhe pôdem crear, e vão creando, é obriga-lo a legislar, dictatorialmente, contradizendo, assim, as melhores affirmações do partido republicano, emquanto fez propaganda.

A Revolução justifica muitas das medidas que o go-

verno tem tomado e que merecem o nosso applauso. E applaudiriamos quantas, reclamadas pelas necessidades do paiz, viessem beneficia-lo, embora feitas pelo poder executivo, contra os principios tantas vezes proclamados pelo partido republicano de que simplesmente ao povo, por intermedio dos seus representantes, compete legislar. Acima das formulas, poriamos o interesse nacional. Mas reconhecemos que o Governo Provisorio tem legislado sem que uma necessidade urgente o imponha, mas apenas porque o povo de Lisboa, que fez a Republica, o reclama. A sua obra será, d'este modo, precipitada e confusa, como aconteceu com a lei do inquilinato, que apenas terá beneficiado os que a exigiram.

E' preciso que todos façam sacrificios, disse João de Menezes, e nós repetimo-lo, accentuando que compete especialmente faze-los aos que, d'alguem modo, concorreram para a implantação da Republica: só assim completarão a sua obra cujo inicio todos os portuguezes de são juizo receberam com enthusiasmo.

### GAZETILHA

Ninguem, que se préze, ignora  
Que Demócrito se ria  
Nesses bons tempos d'outra  
D'aquillo que nos faria.  
Botar prantos cá p'ra fóra.

Pois hoje se elle existisse  
Era capaz de chorar  
Ao bispar tanta sandice  
Que nos faz escangalhar  
De riso, pela ratice!

*Verbi gratia*, os penteados  
Tão catilas, tão galantes,  
Que por 'hi vemos usados  
Pelas divas elegantes,  
Em desconto dos peccados!

Com *chuços*, ou cousa assim,  
Mettidos entre os cabellos,  
Conseguem todas emfim  
Uns toucados lindos, bellos!  
*Ultra-bellos*, quanto a mim!

E aquellas saias, meninos,  
*Arte nova*, *afuniladas*,  
Dando-me aspecto duns sinos  
Onde batem badaladas  
Uns péritos pequeninos?!

Se de cócoras tiver  
A dama nellas mettida  
Qualquer serviço a fazer,  
'Stala a saia, comprimida,  
E... o final é de prevêr!

10-12-910.

EL-VIDA.LONGA.

## A NOSSA BANDEIRA

(CONTINUAÇÃO)

Estudemos a nossa bandeira na sua genese, na sua historia evolutiva.

A bandeira de D. Henrique foi uma cruz azul em campo branco. Porque adoptou a cruz azul e não a vermelha da Ordem de Christo? A sua empreza era uma cruzada, mas quiz naturalmente dar-lhe um caracter distincto, uma feição individual. Manteve a cruz, mas noutra cor, em azul. Porque o azul exprimia a natureza meiga e affectuosa da raça luzitana, ou porque era essa uma das côres do seu escudo, o escudo da casa de Borgonha? Talvez, quem sabe, pelos dois motivos. O que é certo é que já no estandarte de D. Henrique os emblemas e as côres se harmonisam admiravelmente com a psicologia portugueza. Falta-lhe ainda o vermelho, a nota rubra, clamando a energia belica do tempo. Mas essa lacuna, que expliquei, não tardará a desvanecer-se.

A bandeira de Affonso Henrique foi a mesma do pae. A datar de Sancho I, a cruz azul e unida fragmenta-se em cinco escudetes, com onze besantes brancos cada um. Portanto os besantes não pôdem referir-se de maneira alguma aos cinco maravedis. Os besantes significavam soberania, o direito regio de cunhar moeda. São onze, desde D. Sancho até D. Affonso III. Nos escudos das rainhas e dos filhos bastardos do rei é que apparecem cinco, em vez dos onze. Assim no escudo da rainha Santa Izabel e de D. Leor Telles e no de D. Maria Affonses, filha bastarda de D. Diniz, vêem-se cinco besantes em cada um, e não os onze do brazão real. O numero onze de besantes e que exprimia? Ignoro-o. E o numero cinco dos escudetes o que é que realmente significava? Apenas o meio mecanico indispensavel para distribuir os cincoenta e cinco besantes em cinco grupos? Julgo que não. Na cruz unida podiam formar-se tambem os cinco agrupamentos. Accodem-me duas explicações, e ambas verosimeis. A primeira é que os cinco escudetes olludem, em quantidade, aos cinco maravedis. Os besantes dentro dos escudetes representam, como disse, a autonomia, o direito soberano de cunhar moeda. A essa ideia, figurada nos besantes, alia-se naturalmente a dos cinco maravedis, que vem abona-la e completa-la.

Mas a segunda explicação é igualmente logica. Os cinco escudetes lembrariam as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenhavam a cruz, é natural que, numericamente, representem tambem as cinco chagas. Nada mais espontaneo do que ligar á imagem da cruz a das chagas de Christo. E então a lenda do milagre d'Ourique, que a Igreja forjou no seculo XV, teria a ampara-la e a basear-lhe o credito um simbolo vivo e nacional. Inclino-me muito a esta hypothese.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das

suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brazão, que continuou assim até aos nossos dias. Porque os manteve e se conservaram depois? Manteve-os naturalmente por orgulho e conservaram-se por habito. Mas é possível que date d'essa epocha, depois de Aljubarrota, a creação do milagre d'Ourique, e então os cinco besantes ficariam simbolisando as cinco chagas. E' uma hypothese.

No reinado de Affonso III, com a conquista do Algarve, modificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cincoquinas, mas á volta a orlar o estandarte, apparecem numa ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'oiro coruscando. O oiros da gloria e a purpura ardente das batalhas irrompem, com vehemencia, do fundo lyrico e celeste. E' bello.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'oiro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes. E depois da conquista, correndo os annos, as suas armas são d'oiro em campo esquadrelado, tendo no primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com os castellos d'oiro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e da victoria. Foi isso talvez e mais uma coisa: o matrimonio do rei com a filha de Fernando III de Castella. As armas castelhanas eram, como hoje, de castellos de oiros sobre fundo vermelho.

De todos os modos, o estandarte nacional adquiriu com D. Affonso III a quasi plenitude simbolica das qualidades da raça. E' já a flamula ovante d'um lyrisimo épico.

E, chegando á maravilhosa idade das descobertas, a febre triumphal nas almas e nas bandeiras incendia-se então vertiginosamente. O estandarte de D. Manoel é, num campo d'alvura e de purpura, a esphera celeste, o simbolo cosmico, dardejando em oiros. E' o estandarte de apothose que arvoraram as naus das Índias, juntamente com o de Christo, o de fundo de neve e cruz em brasa. Neste estandarte rutila da Cruz a purpura, dominadora, esmaga o fundo de innocencia.

E no topo dos mastros as flamulas ebrias, azues e vermelhas, ondeiam e cantam, como linguas accesas de relampagos.

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzes a sonhar...

Vem depois o Bragança, e a bandeira ajesuíta-se, é molle, mesquinha, hypocrita, adocicada. O escudo deita-se no chão, de rastos, a dormir, e no vérsio, em triumpho, calcando o globo, d'azul e branco, diedemada d'estrellas, a Rainha dos anjos, a Padroeira do Reino. E' a Purissima. A Mãe de Jesus? Não. A mãe do jesuíta, a mãe-escrava de Loyola.

(Continúa.)

Guerra Junqueiro.

## AS MINHAS CARTAS

X

A função educativa dos povos é a mais nobre, é a mais alevantada das funções humanas.

O pensamento moderno ergueu-a á altura das sciencias capitais da sociologia dinamica.

E' factó incontestado que em volta do problema educativo se agitam as mais graves e imperiosas questões sociaes, que é na arêna pedagogica onde se debate a lucta suprema pela civilização da humanidade.

Nem podia deixar de ser assim. Porque a educação, tendo como fim essencial fornecer ao individuo os meios de que carece para preparar e melhorar a propria existencia no seio da natureza, da familia e da sociedade, procura resolver o mais amplo e extraordinario problema do universo—o maximo aperfeiçoamento do homem.

Mas, como a nossa carreira sobre a terra é breve, pois a vida é um momento, para termos existencia mais suave, devem os conhecimentos que adquirimos offerecer a maior vantagem em favor d'ella.

Ora, para isso, torna-se manifestamente indispensavel que elles sejam obtidos de molde a poderem ser applicados, directa e immediatamente, aos usos da vida, quer em proveito proprio, quer, ainda, no alheio.

A educação deve visar á utilidade não só individual, mas, ao mesmo tempo, social, pois só assim resultará d'ella a somma de beneficios bastantes para o bem-estar do genero humano.

A melhor educação é a que offerecer numero superior de condições favoraveis á vida do homem. Todavia raras vezes tem servido de norma á accção educativa, este principio de reconhecida veracidade.

Os mentores de cada familia, o mais d'elles, apenas querem para os que lhe estão sujeitos, uma educação decorativa, phantastica e caprichosa, indicada pela rotina e sancionada pela moda. E' frisante o exemplo na educação feminina.

A mulher, sedenta de preponderancia na sociedade, está disputando ao homem o seu papel, esquecida da organização com que a dotou a natureza para fins diversos dos nossos.

Esquecida dos destinos para que está fadada, apenas a agita o desejo de competir com o homem atravez de todos os prismas.

A mulher hoje não está sendo preparada para a familia, está sendo preparada para a sociedade.

Tudo o que se prender com economia domestica é postergado. Nada de educação pratica, nada que diga respeito ao ménage.

Com tal educação impossivel se lhe torna dirigir os negocios da sua casa de modo a poder fazer a felicidade do lar e preparar bons cidadãos para a republica.

Não é a familia, para a qual a mulher não recebe educação, que constitue a base de toda a sociedade?

Parece-me que a mulher deve ser primeiro educada para o ménage do que para as funções publicas.

Paulo Stacio.

## Correio do "Correio,"

Sr. João das Neves Martins—Rio Grande do Sul (Brazil)—Recebemos a letra na importancia de 5\$500 reis. Muito obrigado. Agradeça tambem, em nosso nome, ao sr. Elio Martins Linhares, a quem dirá que o CORREIO DO VOUGA tem sido expedido, com regularidade, de quinze em quinze dias. D'hoje em diante, ser-lhe-ha remetido todas as semanas.

Sr. Moita—Vagos—Muito obrigado. Brevemente, escrevemos.

Sr. Carlos Lisboa—Aveiro—Não se incomode com o recibo. Temos tempo.

## 1.º anniversario do assassinato de Ferrer

## Algumas notas sobre a vida e a obra do immortal fundador da Escola Moderna e breves considerações sobre a pena de morte

(CONCLUSÃO)

Considerámos já em si a pena de morte: vimos que nenhuma sanção tinha nos principios constitutivos da sociedade; antes era, em respeito a elles, um absurdo contradictorio. Falta examinar a questão pelo lado da necessidade: vêr, se como quer D. Maistre, todo o poder, grandeza e subordinação repousam no algóz; e se a espada da justiça deve estar sempre desembainhada para ameaçar e ferir de morte. Tira, diz aquelle fautor e apologista do despotismo, tira do mundo o carasco, esse agente incompreensivel, e no mesmo instante a ordem se trocará em cânhos, os ermos soverter-se-hão, a sociedade desapparecerá.

E' esta a linguagem de um dos mais habéis propugnadores do absolutismo na Europa. Foi este o resultado rigorosamente logico que elle deduziu dos seus principios politicos. Qual será a dedução de principios contrarios, de principios liberaes? Parece que a opposta. E com effeito foi a que d'elles deduzimos no antecedente artigo: vejamos agora qual a necessidade e a utilidade social da pena de morte.

E um factó ahi está—um factó perenne e innegavel—a historia criminal dos povos modernos, comparada com a frequencia dos supplicios. Não fallaremos de épocas de convulsões politicas; porque a exaltação das paixões converte então o homem em anjo de heroismo e resignação, ou em demonio de barbaria e vileza: mas consideremos os tempos ordinarios de cada sociedade, seja qual fôr a sua forma politica de existir; vejamos se o cadafalso serve, em verdade, para reprimir crimes, porque, na falta de outros meios para alcançar aquelle fim, elle seria uma necessidade pública.

Como não é possivel chamar a juizo a historia de todas as nações da Europa, até porque escaceiam os apontamentos estatísticos d'esta especie na maior parte d'ellas, olhemos só para a França e Inglaterra.

Na França é indubitavel que ha uma repugnancia visivel á comminação da pena de morte: a guilhotina, tão rica de victimas durante a revolução, quasi que se vê hoje abandonada; e se muitas vezes a brandura e a philosophia faltam nas leis, estão no carácter do povo, e na consciencia dos juizes.

A Inglaterra foi no seculo XVIII, e ainda nos segundos dez annos do reinado de Jorge III, o paiz classico da força, e a pena capital, segundo Mr. Phillips, dava a Londres umas parecências de acougue; hoje a Inglaterra está longe d'esta crueldade, mas ainda excede muito a França no numero das execuções annuaes.

Em França, segundo um relatório do ministro da justiça, de 1829, vê-se que num anno, de 4475 criminosos julgados, tinham sido condemnados á morte só 89. No anno de 1833 aquelle paiz, tendo crescido em população tinha diminuido em criminosos, pois só houve 4418, dos quaes apenas 74 foram condemnados á pena ultima.

Todos sabem que a população da Inglaterra é bastante inferior á da França. A somma dos criminosos convencidos na Grã-Bretanha era de pouco mais de 10:000 em 1829, sendo d'estes condemnados á pena ultima 1:311. Em 1832 houve 14:947 sentenças; não sabemos quantas de morte: mas bastanos saber que a pena ultima im-

posta á nona parte dos criminosos em Inglaterra, em 1829, sendo em França, no mesmo anno, imposta á quinquagesima parte d'elles, não embarçou que naquelle paiz a criminalidade fosse em progresso, emquanto neste foi em diminuição.

Que prova isto? Que o supplicio nada influe nas accções dos homens: que se devem buscar as causas que os levam a perpetrar delictos, para as remover, em vez de erguer cadafalsos, que destroem o criminoso, mas não impediram que elle o fosse. Um homem honrado ultrajado, não dista um passo de ser um assassino: não espereis que elle o seja, para depois o enforcades; dae-lhe leis que tomem a seu cargo desaffrontá-lo. Um desgraçado, rodeado de filhos, sem ter um bocado de pão que lhes dê, vae converter-se num salteador da via publica; não espereis que elle o seja para depois o enforcades: abri ao povo o caminho de ganhar a vida na lavoura, no commercio ou na industria, e os salteadores desapparecerão. Uma creança de tenra idade mostra indole perversa, annuncia para a idade viril um malvado: moderai-lhe e torcei-lhe essa indole na infancia, creando uma educação publica, que não existe; não espereis que ella seja homem e criminoso, para depois a enforcades: guiae bem a mocidade e os crimes rarearão.

Virá alguém com dizer que no estado actual da sociedade, existindo essas causas de crimes que apontamos, não é possivel apagar dos códigos criminaes as leis escriptas com sangue? Pôr esta objecção será d'aqui a cincoenta annos uma vergonha: ha tambem cincoenta annos que se julgava impossivel sustentar colonias sem o trafico dos negros: quem, sem cõr-rar, se atraverá a dizê-lo hoje? Ainda ha pouquissimos seculos, os tractos e as fogueiras eram no entender de muitos politicos instrumentos necessarios da existencia social. No tempo dos hebreus era considerado o exterminio de raças inteiras como outro elemento da sociedade. Se conhecessemos a historia primitiva do genero humano, talvez lá achassemos ainda mais horribes necessidades sociaes.

Felizmente o progresso intellectual e moral não pára: a ultima preocupação das épocas de barbaridade passará: a palavra algóz chegará a ser um archaismo; e os cadafalsos apodrecidos e roídos dos vermes serão algum dia, um monumento dos delirios e erros do passado.

## Revista do estrangeiro

## Attentado contra La Cierva

Um individuo armado de revolver lançou-se sobre o ex-ministro conservador La-Cierva no momento em que, regressando a sua casa, se apeava do automovel.

O ex-ministro conservador La-Cierva esteve para ser victima de um attentado, esta tarde, quando se dirigia ao congresso. A' esquina da rua Lealtad, um individuo aproximou-se do carro em que ia aquelle estadista, tentando agredilo; mas um guarda civil prendeu-o.

No commissariado, o preso, que tinha no bolso uma pistola, declarou chamar-se Francisco San Millan; que tencionava matar La-Cierva; e que não tinha cumplices.

Sabe-se que foi processado em 1901, por roubo; que foi voluntario do exercito e que sahira ha pouco do hospital.

La-Cierva, chegando ao congresso, ficou surprehendido quando lhe disseram que estivera para ser victima d'um attentado; não déra por semelhante coisa; e não lhe ligara a menor importancia.

## NOTICIARIO

**Do estrangeiro**—Escrevenos de Paris o nosso presado amigo e conterraneo sr. Manuel Saldanha, enviando-nos notas interessantes da sua viagem, amabilidade que muito nos pehora e que do coração lhe agradecemos.

«Depois d'uma viagem de 4 dias, diz o bom amigo Saldanha, aportando a Leixões, Vigo e Corunha, o Orasia chegou a La Palisse, onde desembarcamos debaixo de chuva que, graças a Deus, jámais cessou depois que deixamos a costa portugueza. De La Palisse a La Rochelle, embora em comboio comum, chegou-se rapidamente, mudando nesta estação para o expresso onde almocei por 3 f. e 50. Em Portugal, come-se um pouco melhor. Apesar da velocidade do comboio e d'uma companhia divertida, não deixei de observar com attenção as grandes inundações: alguns campos pareciam vastissimos mares, muitas povoações estavam alagadas, chegando em certos pontos a agua até quasi ao entre-sol dos predios. Depois d'uma viagem de 7 horas chegavamos a Paris».

Refere-se, depois, o nosso presado amigo á vida da capital franceza, e, apesar d'ausente num meio grande que pela sua civilização requintada chega a estontear, não esquece a modesta aldeia onde nasceu: falla-nos, cheio de interesse, da subscrição aberta neste jornal e pede informações detalhadas sobre a maneira como é distribuido o dinheiro que a commissão resolveu applicar desde já, assumpto a que nos havemos de referir num dos proximos numeros.

Manoel Saldanha é incontestavelmente um dos nossos conterraneos mais prestimosos. Não ha iniciativa generosa que não mereça o seu applauso e o seu auxilio. Nós, pelo menos, temolo encontrado sempre ao nosso lado, quando por ventura tentamos realisar alguma obra que nos parece justa e util.

D'aqui o abraçamos, agradecendo-lhe, mais uma vez, a sua penhorante carta, e desejando que regresse a Portugal com as melhores impressões.

**D'Altem mar**—Recebemos, na quinta-feira, noticias do nosso presadissimo amigo e conterraneo José Antonio de Carvalho Junior, que no dia 1 de novembro havia regressado a Pernambuco (Brazil), com a sua esposa e filhinha, depois de ter passado alguns mezes em Portugal. Pelas suas informações, podemos saber prazer que teve boa viagem, o que muito estimamos, desejando-lhe muitas felicidades e ficando anciamente á espera do dia em que o havemos de ver, outra vez, entre nós.

**Conferencia**—Foi convidado para fazer uma conferencia, no Atheneu Commercial do Porto, sobre a vida e a obra de Tolstoe, o illustre Aveirense sr. Dr. Jayme de Magalhães de Lima.

**Fallecimentos**—Falleceu no Porto o sr. Francisco Faro e Oliveira, distincto professor do Instituto Industrial d'aquella cidade, e pae do sr. Dr. Jayme Faro, digno Procurador da Republica em Agueda, a quem enviamos sinceros peza-mes.

—Falleceu aqui, no dia 2, o sr. João Gomes da Silva, respectivamente pae e avô dos nossos conterraneos srs. José Gomes da Silva e Sebastião Saldanha. O extinetto, que gozava de geraes sympathias, contava 93 annos. A toda a familia enluctada, sentidos pesames.

—No dia 4, falleceu tambem aqui um filho da sr.ª Anna Bernarda, de nome Bento, que havia chegado ha pouco do Brazil. Não o conheciamos, mas informam-nos de que era digno de estima pelas suas qualidades de character. Sentimos a sua morte, e apresentamos as nossas condolencias a toda a sua familia.

—Falleceu no dia 8 um filhinho do nosso prezado conterraneo sr. Luiz Marques Delgado a cuja dôr nos associamos.

**Contribuições**—Desde o dia 5 até ao dia 10 do corrente, podem os collectados em contribuição industrial requerer a annullação de um, dois ou tres trimestres em que não hajam exercido a sua industria.

As reclamações devem ser em papel sellado e dirigidas ao presidente da junta dos repartidos.

—Tambem até ao dia 10 está patente na mesma repartição o mappa de lançamento da contribuição predial, para que os interessados possam apresentar até áquelle dia as reclamações que tiverem por convenientes contra erro de calculo na fixação das collectas, bem como erro na transferencia da inscripção de pessoas, dos predios ou do seu rendimento collectavel.

**Bibliotheca operaria**—Projecta-se crear em Aveiro uma bibliotheca, destinada á illustração das classes trabalhadoras. Para este fim, está encarregada de sollicitar donativos e livros uma commissão de que fazem parte, entre outros, os srs. João Gamellas, Francisco de Mattos Junior e Bernardo de Sousa Torres, devendo toda a correspondencia e offertas ser dirigidas a este ultimo.

**Exoneração**—Pedi a exoneração o m.º Juiz de Paz da Oliveirinha, sr. Manoel Dias de Carvalho.

**Nomeação**—Foi nomeado governador interino de Macau o juiz de Direito d'aquella comarca sr. dr. João Marques Vidal, natural de Pedações (Agueda).

**Operação**—Foi operado num braço pelo distincto clinico e nosso prezado amigo sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, o sr. Carlos da Silva Lisboa, dignissimo guarda civil em Aveiro, a quem desejamos rapido e completo restabelecimento.

**Instrucção Primaria**

— O conselho superior de Instrucção Publica, na sua ultima sessão, emitiu parecer favoravel á promoção á 2.ª classe da sr.ª D. Benilde Quaresma, professora em Cacia (Aveiro) e do sr. José Pinto de Sousa, professor no Troviscal (O. do Bairro).

**Escola Industrial de Aveiro**—Sobre o solicitado pela commissão municipal de Aveiro, para a creação de duas cadeiras na Escola Industrial da mesma cidade, pelo ministerio do Interior foi communicado ao competente governador civil, que sendo proposito do governo proceder, em breve, a revisão da lei organica do ensino elementar, industrial e commercial, por essa occasião, poderá ser attendido o pedido da mesma commissão.

**DURANTE A SEMANA**

Tem chovido, nos ultimos dias, ininterruptamente, havendo em alguns pontos do paiz grandes inundações. Do *Primeiro de Janeiro* recortamos varias informaçoes sobre o assumpto:

«Apesar do rio ter baixado, a corrente conserva-se a mesma, calculada em 10 milhas á hora, pelo que as embarcações surtas no Douro se mantêm no mesmo perigo, a despeito das providencias tomadas e dos constantes reparos e reforços das amarrações.

Das embarcações que correm mais perigo citam-se o «S. Mathieu», no quadro da Alfandega, a meio do rio, abandonado, como dissemos, pela tripulação e com amarração que não merece confiança. Se a corrente augmentar, é possível que aquelle vapor não possa sustentar-se e vá rio abaixo. O que se lhe segue em perigo é o «Da Cap», em frente aos caes das Pedras, tambem abandonado pela tripulação. Os tripulantes com o seu capitão foram a bordo, pelas 9 horas da manhã, quando as aguas começaram a descer, estabelecendo elles proprios um curioso «vae-vem», que admirou toda a gente do rio que presenciou esta installação, elogiando e felicitando os marinheiros. Até ás 3 horas da tarde estiveram reforçando e aliviando as amarras á medida que a agua descia. Sahiram de bordo pelo mesmo «vae-vem» por elles estabelecido, sendo o ultimo o capitão, que ao chegar a terra, olhou para o seu vapor e depois de o contemplar por algum tempo, disse «Oxalá eu te veja amanhã ahí».

O vapor «Mors», em frente a Monchique, continua correndo perigo e abandonado pela tripulação, resistindo as fortes amarrações á corrente.

Devido ás providencias tomadas pelo Departamento Martimo quanto ás amarrações, e pelo sr. governador civil quanto á descarga de mercadorias para os caes da alfandega e estação do caminho de ferro do Porto, A, não se tem dado desastres com barcasas nem fragatas de carga no rio Douro, como aconteceu na cheia do anno passado, que se afundaram muitas barcasas com valiosas mercadorias e outras foram rio abaixo, sendo desfeitas pelo mar.

Correndo todos os proprietarios d'essas embarcações apenas tivemos conhecimento de se ter afundado uma barca pertencente ao sr. Joaquim Carroila, no peão da alfandega, devido a ter-se-lhe ncostado o vapor «S. Mathieu»

partindo-lhe os cabos que a amarravam.

Entre os muitos prejuizos que a cheia está produzindo são já conhecidos os causados nos armazens da Companhia de Drogaria Limitada e dos srs. Baptista & Barbot, em Miragaia, que foram inundados pela cheia até á altura de 2 metros e meio, damnificando enorme quantidade de gesso, tambores de carboneto e outras mercadorias que não puderam ser retiradas d'alli a tempo.

Importantes são os prejuizos causados nos armazens da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, tambem em Miragaia, pela surpresa da elevação das aguas, presumindo-se que tenham rebentado varios cascos de vinho e aguardente.

Nada occorreu de anormal durante a noite. O rio continuou a descer até á 1 hora e um quarto, hora a que d'alli saímos. Os vapores continuavam na mesma situação parecendo que resistem á corrente, que tem a mesma velocidade.

A's onze horas da noite restabeleceu-se o serviço de carros electricos pela linha marginal para a Foz, por a agua ter baixado em Monchique, permittindo o transito sem receio de aluimento.

No peão do Bicalho andou da meia noite ás duas horas um grupo de maritimos, com archotes, a reforçar as amarrações das barcas que alli se encontram ancoradas em consequencia de ser alli muito violenta a corrente.

Espera-se que o rio não suba mais por o mar ter abrandado de agitação e do vento ter mudado de quadrante, o que permite uma grande sahida ás aguas.

Pelos caes conservavam-se os maritimos e trabalhadores fluviaes aos grupos aguardando qualquer eventualidade.

Na linha ferrea da Regoa a Villa Real cahiu um enorme pedregulho, ao kilometro 6,700, determinando a paragem do comboio 1308 por espaço de 6 horas, tempo que levou a desobstrucção da linha.

O mesmo comboio teve, mais adeante, nova paragem de 1 hora, por haver desabado uma trincheira.

Proximo a Carrizado, ao kilometro 11,800 houve outro desabamento, interrompendo cerca duma hora a circulação do comboio 1308.

O comboio 105 que seguia para a Regoa foi forçado a parar nas immediações da Alegria por ter desabado uma trincheira, soffrendo a machina ligeiras avarias.

—O comboio especial rebocado pela machina n.º 8, parou antes de chegar ao Pinhão, em virtude de estar a linha obstruida por enormes pedras. Seguiu depois ao seu destino.

O comboio correio 101, do Douro, não pôde passar além do Tua, por se encontrar a linha obstruida em varios pontos.

—Os comboios seguiram até Ermida. O n.º 103, que partiu ás 3 e 35 da tarde, levou tambem correio, devendo fazer-se só hoje o trasbordo dos passageiros que se dirigem para além d'aquella estação.

Chegou hontem a machina e material do comboio de mercadorias, descarrilado proximo de Aregos. As mercadorias foram recolhidas em Campanhã. Alguns vapores, que estão bastante damnificados, ficaram em Ermezinde.

Do comboio 104, que como dissemos descarrilou ante-hontem em S. Mamede de Riba Tua, indo a machina e «fourgon» precipitar-se no rio Douro, foram novamente mettidas nos «rails» 5 carruagens que seguiram para a estação do Tua.

O comboio compunha-se de 9

carruagens mas trazia apenas um passageiro de 3.ª classe que nada soffreu além de ter sido despertado em sobresalto e cahido do banco em que tranquillamente dormia.

No sitio em que o comboio descarrilou as linhas faziam curva. O maquinista, sr. José Barros, avistando uma grande pedra na via ferrea tentou inutilmente parar a machina; esta, continuando a arrastar as carruagens, mas já com o andamento bastante attenuado, foi embater n'essa pedra, o que fez com que o comboio saltasse fóra dos rails indo a machina e fourgon cahir no rio, que corre junto, e ficando as duas primeiras carruagens n'um aterro que separa a agua da linha.

A machina está coberta de agua calculando-se que só em março poderá ser retirada. O pessoal da machina e do fourgon, que soffreu ligeiros ferimentos e algumas contusões, veio em comboio especial até ao Marco de Canavezes, e d'ahi em tramway até ao Porto.

A proposito d'este descarrilamento, conta-nos o sr. Henrique dos Santos Mattos que seguia, como fogueiro, em serviço na machina 104.

**Lisboa, 9**—O temporal continua. Durante a madrugada choveu pouco e até ao meio dia apenas o vento se fez sentir com violencia. Depois, cahiram por vezes bategas de agua.

O Tejo tem estado agitadissimo, fazendo-se carreiras para o sul com certa morosidade.

A's 3 horas da tarde, um hiate portuguez que estava fundeado proximo dos armazens de Petroleo, em Alcantara, esteve prestes a naufragar. Chegou ainda pedir socorro, seguindo em seu auxilio um vapor d'alfandega.

As communicações telephonicas para fóra de Lisboa são feitas com grande difficuldade e, para alguns pontos, não ha.

O serviço telegraphico continua hoje como hontem. Só segue para o estrangeiro e por *Via Cabo*.

Tem havido, ao fim da tarde, insignificantes inundações.

—Foram exonerados os directores das escolas normaes dos sexos masculino e feminino de Coimbra, respectivamente, os srs. Alfredo de Freitas e Guilhermino de Barros, sendo nomeado director das duas escolas o professor sr. Antonio Candida Almeida Leitão.

—Foram criadas escolas masculinas em Annaes, Ponte do Lima.

—O sr. dr. Affonso Costa restabeleceu no sr. dr. Carlos Olavo a procuração que lhe havia sido passada para tratar da questão dos antigos revendedores de tabaco, com a respectiva companhia.

O sr. dr. Olavo já esteve no tribunal do Contencioso Fiscal tratando do assumpto.

Por proposito do sr. Lopes de Mendonça a Sociedade de Geographia resolveu fazer um plebiscito a todo o paiz acerca da bandeira da Republica Portugueza.

—Foi preso o sr. Gomes de Araujo, thesoureiro geral do ministerio das Finanças, sobre quem recadem suspeitas de graves irregularidades.

**NOTICIAS PESSOAES**

**Anniversarios**

*Fez annos no dia 9 a sr.ª D. Guilhermina Vidal, gentil filha do nosso querido amigo e collaborador sr. Angelo Vidal. As nossas affectuosas felicitações.*

**Estadas**

*Encontra-se em Evora o nosso amigo sr. Antonio Dias Ribeiro, natural de S. João de Loure.*

—*Está entre nós o nosso illustrado amigo sr. capitão-tenente Jayme Affreixo.*

—*Tambem aqui está, vindo de Lisboa, o nosso amigo sr. Innocencio Coelho de Magalhães.*

**Doentes**

*Passa incommodado o sr. padre Manuel da Cruz, digno parcho desta freguezia*

—*Tambem tem passado incommodado o nosso presado conterraneo sr. João Ferreira de Carvalho. Desejamos a ambos as mais rapidas melhoras.*

—*Continua doente a sr.ª D. Clara Dias de Magalhães, por cujas melhoras fazemos sinceros votos.*

**DOS NOSSOS CORRESPONDENTES**

**Lisboa, 7**

A colonia de Lafões reuniu hontem e resolveu nomear uma commissão composta dos cidadãos Antonio Pinto d'Azevedo, Jayme Nunes da Costa Pires, Daniel de Almeida, Antonio Ferreira Neves, Estevão de Vasconcellos e Bernardino H. de Almeida, a qual ficou encarregada de elaborar e apresentar ao ex.º ministro do Fomento uma representação, pedindo que a companhia concessionaria do Caminho de Ferro seja obrigada a construir a linha no prazo estipulado, ou a rescindir o contracto.

Ficou marcada nova reunião, para a commissão dar conta do resultado dos seus trabalhos, e para assentar no caminho que a assembleia deve seguir.

A reunião d'hontem esteve muito concorrida pelas colonias de Lafões, Albergaria-a-Velha e Albergaria-a-Nova. —Encontra-se, nesta cidade, vindo de S. João de Loure, o nosso particular amigo Joaquim Rodrigues Correia de Mello que tenciona demorar-se até ao fim do mez. O sr. Mello tem visitado diversos arrabaldes da capital, taes como: Cruz Quebrada, Dafundo e Cintra.

—No dia 6, pelas 2 horas da tarde, quando passava no Rocio, notei grande ajuntamento de povo, d'onde sahiam repetidas vezes, os gritos de «fóra os talassas, fóra os talassas». Approximei-me e procurei intormar-me do que se tratava. Vi então que os excursionistas de Mafra, que tinham vindo cumprir o Governo Provisorio, foram recebidos hostilmente pela população de Lisboa que, sem exaggero nenhum, os correu á batata. Aos executantes da philarmouica que acompanhava os excursionistas, o que se viu mais seriamente atrapalhado foi o do bombo porque todos lhe queriam experimentar o instrumento. Viu-se em calças pardas, encontrando, finalmente, refugio, num kiosque.

Na occasião em que o tumulto tomava proporções, passou pelo Rocio, em automovel, o ministro do Interior, sr. dr. Antonio José d'Almeida. Parou e, censurando a attitudo dos contramantifestantes, aconselhou-os a dispersar.

—Continua o inverno rigorosissimo: hoje, pelas 4 horas da manhã, um violento tufão poz em sobresalto toda a cidade. Na Cascalheira e Casal Ventoso desabaram muitos muros.

—O *Democrata*, jornal republicano de Aveiro, em correspondencia de S. João de Loure, refere-se ao projectado cemiterio d'aquella freguezia, assumpto de que tantas vezes o *Correio do Vouga* se occupou. Não vale a pena, correspondente amigo, voltar á vacca fria. Aqui chegou-se a abrir uma subscrição, para esse fim que attingiu vinte e tantos mil reis. Como a junta transacta não atava, nem desatava, como em bom portuguez se costuma dizer, o sr. Joaquim Nunes Baeta Junior, que era o depositario do dinheiro subscripto pediu, por intermedio do *Correio do Vouga*, aos subscriptores para o levantarem, o que muitos já fizeram.

—Está para breve o enlace matrimonial do cidadão Manuel Francisco d'Oliveira, conceituado commerciante na capital, com uma sympathica menina d'Aveiro, cujo nome ignoramos.

—Foi aqui muito sentida a morte do sr. Izequiel Correia, de Loure, que era um excellent character, e ainda ha pouco havia estado na capital. Sentidos pesames a toda a familia enlutada, especialmente ao sr. Antonio d'Abreu Correia.—*Melicias.*

**Thomar, 7**

Partiu para S. João de Loure o nosso prezado amigo sr. José Simões Serralleiro.

—Vindos d'aquella freguezia, chegaram aqui os srs. Manuel Simões Serralleiro e Manuel Branco Jorge.

—Realison-se aqui, como afinal em todo o paiz, a festa da bandeira no dia 1 do corrente.

Pela manhã, á alvorada, tocaram duas philarmônicas e, á noite, realisou-se uma marcha *au flambeau* em que se encorporaram diversas associações.

Nas fachadas de diversos predios

houve illuminações, bem como no Castello. O commercio associou-se tambem ás festas, fechando ao meio dia.

—Na segunda-feira, pelas 7 horas da tarde, pairou sobre esta cidade, uma forte trovoadá, acompanhada de grandes bategas d'agua. A população receia uma inundação como a do anno passado.—*José Pedro.*

**Barreiro, 1**

(RETARDADA)

Não resisto a manifestar a minha profundissima alegria pela implantação da Republica no meu paiz. O dia 5 de outubro foi como que uma nova aurora que raiou no coração dos portuguezes, daqueles, pelo menos, que amam a sua patria.

—Entramos, finalmente, num periodo de progresso, de liberdade e de justiça? Sinceramente o desejo e com grande esperanza o confio dos homens que constituem o governo provisorio.—*Julio Gonçalves Rodrigues.*

**Costa do Vallado, 29 de Nov.**

(RETARDADA)

Ha muito já que me affastei do meu posto, deixando de dar noticias aos leitores do *Correio do Vouga*. A todos peço desculpa, apesar de pouco terem perdido, visto não se terem dado por aqui casos dignos de registo.

—Ha muito tempo que chove torrencialmente. Por enquanto os lavradores estão satisfeitos, porque dizem que vae o tempo propicio. . . aos nabos, mas não tardará muito que deitem as mãos á cabeça, quando começarem a sentir as consequencias das inundações que são de prever.

—Um grupo de rapazes d'aqui tenciona levar á scena algumas peças dramaticas no proximo mez de dezembro, por occasião da festividade em louvor de S. Thomé.

Será uma estreia. Se se sahirem bem, constituirão uma companhia dramatica. Oxalá que assim aconteça.

—Cahindo ha dias da bicycleta, quebrou, segundo me informam, um braço, o sr. Manuel Dias dos Santos Ferreira. Sentimos sinceramente este desastre e fazemos votos pelo rapido restabelecimento d'aquelle nosso presado amigo.—*C.*

**S. João de Loure, 8**

Principiaram as obras do chafariz, devendo ficar a alvenaria completamente assente, por esta semana. Falta, depois, apenas assentar a canalisação o que se espera seja feito por todo o corrente mez.

—Consoceu-se, ha dias, na igreja matriz d'esta freguezia, o nosso presado amigo sr. Antonio Duarte Correia de Mello, com a sua gentil prima, a sr. D. Anna Correia de Mello.

O noivo é um rapaz de primorosas qualidades de coração e character que sabe impor-se á estima de quantos o conhecem. Desejamos-lhe uma prolongada lua de mel e para si e para a sua ex.ª esposa, todas as prosperidades de que são dignos.

—Tambem casaram o sr. José Lopes da Silva com a sr.ª Maria Sequeira do Rego, e o sr. Antonio Pinhão da Graça, de Alquerubim, com a sympathica menina Maria Emilia, filha do sr. José Augusto da Silva. A todos, apeteçemos mil venturas.

—Continua chovendo com muita intensidade, do que resultou estar o nosso campo completamente inundado.

Na noite de ante-hontem para hontem fomos acoçados por um violento temporal que desmoronou muitos muros e casas, e deitou abaixo muitas arvores, especialmente pinheiros, causando por isso grandes prejuizos.

—Seguiu, ante-hontem, para Lisboa, a tratar dos seus negócios, o sr. Joaquim Rodrigues Correia de Mattos, irmão do nosso amigo e sollicito correspondente do «Correio do Vouga» na capital, sr. José R. C. de Mello.

—Realisa-se no proximo domingo a eleição da commissão parochial republicana d'esta freguezia.—*C.*

**Alquerubim, 9**

O inverno está squi rigorosissimo com temporaes e chuvas, que tem derrubado centenaes d'arvores, algumas collossaes. Tem cahido tambem algumas casas e muitos muros. Estão cobertas d'agua as estradas da Ponte da Prata, Azurva, Cacia, Angeja, Frossos, Loure, Azenhas e Pinheiro. Só no talude da estrada, nas Frias, cahiram 54 pinheiros, além de carvalhos, sobreiros, casas e muros. Um horror!

**ABC Illustrado**

POR

**ANGELO VIDAL**

A' venda em todas as livrarias

## LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

## Ultimas publicações:

## MANUSCRITO

DAS  
ESCOLAS PRIMARIAS  
(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

## A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

## Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

## PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

## GRAMMATICA ELEMENTAR

## LINGUA PORTUGUEZA

PARA  
USO DOS ALUMNOS  
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

## ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

3.<sup>a</sup> edição. . . 400 reis

ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda  
em todas  
as livrarias.

## Manuscripto das Escolas Primarias

por Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alquem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

## A FAMILIA MALDONADO

por VIEIRA DA COSTA

## OS TRISTES

por FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

## ABC

ILLUSTRADO

por

## ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.<sup>a</sup> edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Colleção de 12 quadros em papel, 306 reis. Colleção de 12 quadros collados em cartão—20300 reis.

## LÉON TOLSTOI

**A Clero.** A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

**O que é a religião?** Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

**Pão para a bocca.** Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

**Razão, fé, oração.** Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

**(O Bom senso do) A Razão dum Padre.** Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

**Atravez das edades.** Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

**O Seculo e o Clero,** por João Bonança 2.<sup>a</sup> edição. 1 vol., 300

**A mentira religiosa,** por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

## SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.<sup>a</sup> edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

## A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (Y. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.<sup>o</sup> volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Literatura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semnario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:  
R. de S. Miguel, 36--PORTO

## ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . . 1\$200  
» —semestre . . . . . 600  
Africa —anno . . . . . 1\$500  
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . . 2\$200

## PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . 10 reis  
Communicados, cada linha. . . 20 »  
—  
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.  
—  
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

## CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com.º Inri.

3.<sup>o</sup> ANNO—N.<sup>o</sup> 51